

Curitiba, 5 de Setembro de 2011.

SUBSÍDIOS À CAMPANHA SALARIAL COPEL – 2011
DATA BASE OUTUBRO 2011

1) Conjuntura Econômica

Em 2010, a economia brasileira cresceu 7,5%. Esse resultado expressivo foi puxado pelo dinamismo no mercado interno. O cenário de geração de postos de trabalhos formais, negociações coletivas com ganhos reais, política de valorização do salário, programas de transferência de renda (Bolsa Família) e crescimento da renda levou ao avanço do consumo das famílias e do crédito, favorecendo todos os setores da economia.

Já ao final de 2010, o governo federal deu início a medidas de combate a inflação, através do aumento compulsório dos bancos, tornando o crédito mais caro (taxas mais altas), curto (prazos menores) e seletivo (maiores exigências). Além disso, a taxa de juros básica da economia, a Selic, que havia caído abaixo caso dos dois dígitos, atingindo o “piso” de 8,75% durante a crise econômica internacional, voltou a se elevar, atingindo 12,50% na última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central em julho. Outra medida tomada pelo governo, na área fiscal, foi o corte de R\$ 50 bilhões do Orçamento de 2011.

A utilização do instrumento de elevação dos juros para combater a inflação acaba produzido efeitos perversos sobre a economia brasileira, como redução do ritmo de crescimento econômico, encarecimento do crédito, aumento do endividamento público, valorização ainda maior do real frente ao dólar e atração de capitais especulativos. Assim, acaba tendo pouca contribuição para atingir o foco inflacionário.

Notou-se que os alimentos pressionaram fortemente os índices inflacionários durante o ano de 2010 e boa parte de 2011. No entanto, espera-se a queda dos preços destes bens. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) teve variação de 5,91% em 2010. Porém, o grupo alimentos e bebidas contribui com 2,34 pontos percentuais para a formação do índice. Desta forma, se este grupo fosse retirado dos cálculos, o IPCA teria apresentado variação abaixo do centro da meta de inflação, que é de 4,5%. Em 2011, além dos preços dos alimentos, os chamados preços monitorados e administrados (energia elétrica, água, transporte coletivo, combustíveis etc.) pressionaram a inflação. Logo, verifica-se que não são os aumentos salariais obtidos pelos trabalhadores nos últimos anos que estão pressionando a inflação, o que derruba o discurso das entidades patronais e também de parte da mídia brasileira.

Em função das medidas implementadas pelas autoridades econômicas já era esperado que o País

apresentasse menor crescimento em 2011. Some-se a isso o real sobrevalorizado, que prejudica a competitividade dos produtos nacionais, e as incertezas econômicas nos Estados Unidos e na Europa, que podem ter impacto sobre as economias emergentes (inclusive o Brasil) que têm puxando o crescimento mundial nos últimos anos.

2) Análise Econômico-Financeira - Copel

A Companhia Paranaense de Energia Elétrica (Copel), obteve lucro líquido de R\$ 642,312 milhões no primeiro semestre de 2011, o que representou crescimento de 12,5%, sobre o mesmo período do ano anterior. Outros indicadores da Copel apresentaram resultados expressivos no primeiro semestre deste ano. O ativo total fechou o primeiro semestre de 2011 em R\$ 16,645 bilhões, crescimento de 11,75% ante o período anterior. O patrimônio líquido subiu 6,60%, e a receita operacional líquida avançou 12,36%.

Tabela 1 – Demonstração de resultados da Copel (indicadores selecionados) – 1 semestre de 2010 e 2011

	em R\$ mil		
	2010	2011	Var.(%)
Ativo Total	16.645.747	18.601.980	11,75
Patrimônio Líquido	11.148.220	11.884.367	6,60
Receita Operacional Líquida	3.264.867	3.668.538	12,36
Custos e Despesas Operacionais	2.652.269	2.886.580	8,83
Lucro Operacional	850.149	963.979	13,39
Lucro Líquido	570.710	642.312	12,55
Lajida/Ebtida	887.447	1.051.843	18,52

Fonte: Demonstrações Contábeis Copel

Elaboração: DIEESE / Subseção Senge-PR

Os indicadores econômicos-financeiros da Copel demonstram a situação confortável da empresa, mostrando seu crescimento nos últimos anos e sua consolidação entre as maiores empresas do setor elétrico brasileiro. Deve-se destacar que os resultados da Copel serão influenciadas pelo reajuste tarifário ocorrido no último mês de junho.

2.1) Indicadores de Pessoal

O quadro de pessoal da Copel teve aumento de 4,56% no número de trabalhadores, passando de 8.680 a 9.076 empregados no primeiro semestre de 2011, distribuídos da seguinte forma: geração e transmissão, 1.791 pessoas; distribuição, 6.759 pessoas; e telecomunicações, 526 pessoas.

2.2) Produtividade

Em 2010, a produtividade medida pelo número de empregados na distribuição cresceu 1,99%, passando de 554 a 565 consumidores por empregado. Pode-se também mostrar outros índices, como produtividade sobre o faturamento ou sobre a receita operacional líquida. Se considerarmos o número de empregados sobre o faturamento (receita operacional bruta) verifica-se que a produtividade cresceu 7,31%, passando de R\$ 1.103,31 para R\$ 1.184,02. Se analisarmos o total de trabalhadores sobre a receita operacional líquida, a produtividade avançou 6,11%, saindo de R\$ 730,16 para R\$ 774,80. Desta forma, os trabalhadores da Copel possuem diversos argumentos para pedir ganhos de produtividade. Olhando-se para a distribuição do valor adicionado da companhia, nota-se que, em 1999 a Copel destinava uma parcela de 17,25% da distribuição do valor adicionado a seus empregados, percentual que se reduziu para 12,9% ao final de 2010.

2.3) Terceirização

Segundo informações do Balanço Social¹ de 2010, o número de terceirizados cresceu 2,63% em relação a 2009. Se somarmos o número de trabalhadores do quadro próprio (exceto controladas) da empresa com os terceirizados, chega-se ao total de 14.130 trabalhadores. Desse total, os terceirizados representam 38,27%. A terceirização representa a precarização das condições de trabalho. Assim, é preocupante observarmos que o número de trabalhadores terceirizados na Copel tem aumentado significativamente nos últimos anos. No ano de 2010 a Rede Eletricistas do Dieese divulgou estudo sobre a terceirização no setor elétrico, alertando para a deterioração das condições de trabalho dos trabalhadores terceirizados e maior incidência de acidentes e mortes entre estes trabalhadores.²

2.4) Gênero e Raça

Em dezembro de 2010, o número de mulheres na companhia era de 1.813, o equivalente a 20,05% da força de trabalho (Copel e controladas). A participação feminina tem aumentado, mas ainda é baixa. Já o número de negros perfaz apenas 10,85% do total de funcionários (Copel e controladas), ou 981 pessoas. Novamente, um percentual muito baixo.

2.5) Indicadores Operacionais

O mercado cativo da Copel atingiu 11.086 Gwh no primeiro semestre de 2011, apresentando

¹ Os dados de empregados do balanço social inclui empresas controladas

² DIEESE. Estudos e Pesquisas n° 50. Terceirização e morte no trabalho: um olhar sobre o setor elétrico brasileiro.

crescimento de 4,0% em relação ao mesmo período de 2010. Entre todos os segmentos do segmento cativo, o que apresentou maior destaque foi o comercial, com crescimento de 6,78%. No mercado cativo, a maior parte do consumo é feita pelo segmento industrial (32%), seguido por residencial (28%), comercial (22%) e rural (8,7%).

Em relação aos principais segmentos de consumo, destaca-se o aumento na classe residencial, influenciado pela geração de postos de trabalho, aumento da massa salarial e consumo. Favoreceu-se, desta maneira, o consumo de energia elétrica, pois o crescimento do primeiro semestre deste ano (4,69%) é semelhante ao verificado no mesmo período do ano anterior. Por outro lado, nota-se uma desaceleração do consumo de energia no setor industrial, segmento que cresceu apenas 1,74%, ante 10,21% no primeiro semestre de 2010.

Tabela 2 – Desempenho do Consumo por classe (em GWh)

Classe	Consumo (1.º sem)		Var. (%) - 11/10
	2010	2011	
Residencial	2.964	3.103	4,69
Industrial	3.497	3.558	1,74
Comercial	2.255	2.408	6,78
Rural	921	965	4,78
Outras	1.023	1.052	2,83
Total Cativo	10.660	11.086	4,00

Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE / Subseção Senge-PR

No primeiro semestre de 2011, o número de consumidores no mercado cativo cresceu 3,9%, atingindo um total de 3,813 milhões de consumidores. O segmento que apresentou o maior crescimento foi o industrial, com variação de 8,6%. Já no segmento rural verificamos uma queda de 0,3%.

Tabela 3 – Número de consumidores por classe

Classe	Consumidores (1.º sem)		Var. (%) - 11/10
	2010	2011	
Residencial	2.893.098	3.008.656	3,99
Industrial	67.777	73.573	8,55
Comercial	301.009	320.773	6,57
Rural	360.482	359.548	-0,26
Outras	48.896	50.389	3,05
Total Cativo	3.671.262	3.812.939	3,86

Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE / Subseção Senge-PR

Em junho de 2011, a tarifa média de fornecimento da Copel foi de R\$ 242,99 MWh, aumento de 11,7% sobre o valor verificado em junho de 2010. A tarifa industrial foi a que apresentou a maior aumento, 15,7%. No entanto, a tarifa residencial continua sendo a mais cara dos segmentos de fornecimento da companhia, como pode ser observado na tabela abaixo.

Tabela 4 – Tarifas médias de fornecimento, por classe da Copel
(em R\$/MWh)

Classe	Tarifa		Var. (%)
	Jun/10	Jun/11	
Residencial	270,17	290,58	7,55
Industrial	189,86	219,64	15,69
Comercial	233,9	264,06	12,89
Rural	156,67	172,97	10,40
Outras	179,92	203,66	13,19
Total	217,53	242,99	11,70

Fonte: Copel

Elaboração: DIEESE / Subseção Senge-PR

3) Negociações Coletivas no setor elétrico

Observando o resultado das negociações do Setor Elétrico, vimos que em 2010, 79,5% das negociações salariais (ou 31 em um total de 39 analisadas) obtiveram ganhos reais em relação ao Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) do IBGE. Além disso, apenas seis negociações, ou 15,4% do total não conseguiram repor a inflação.

Tabela 5 -Distribuição de reajustes salariais do Setor Elétrico, em comparação com INPC-IBGE, em 2008 a 2010

Variação	2008		2009		2010	
	nº	%	nº	%	nº	%
Acima do INPC	21	61,8	29	78,4	31	79,5
Mais de 3%	1	2,9	0	0,0	2	5,1
De 2,01% a 3%	0	0,0	0	0,0	1	2,6
De 1,01% a 2%	4	11,8	8	21,6	18	46,2
De 0,01% a 1%	16	47,1	21	56,8	10	25,6
Igual ao INPC	6	17,6	1	2,7	2	5,1
-1%	6	17,6	6	16,2	6	15,4
-2%	1	2,9	1	2,7	0	0,0
Abaixo do INPC	7	20,6	7	18,9	6	15,4
Total	34	100,0	37	100,0	39	100,0

Fonte: DIEESE e Sindicatos

Elaboração: DIEESE / Subseção Senge-PR

É importante destacar que houve melhoria nas negociações analisadas. Além de mais categorias estarem conseguindo repor a inflação e obter ganhos reais, esses últimos foram maiores que em 2008 e 2009, quando estavam localizados na faixa 0,01% a 1%, com 47,1% e 56,8% das negociações, respectivamente. Já em 2010, 53,8% das negociações (21) tiveram ganhos reais acima de 1%, e 46,3% (18) na faixa de 1,01% a 2%. Por fim, apenas duas negociações conseguiram ganhos acima de 3%.

4) Negociações Coletivas no Brasil

A partir de 2004, as negociações coletivas no Brasil tem apresentado uma mudança de tendência em relação ao período compreendido entre 1996 e 2003, época em que a maior parte das categorias não conseguiam repor a inflação e dificilmente alcançavam ganhos reais. Com o cenário de crescimento econômico sustentado a partir de 2004, inflação em baixos patamares e a mobilização dos trabalhadores, a maioria das negociações tem conseguido ganhos reais, ou no mínimo repor a inflação.

O ano de 2010 teve resultados expressivos nas negociações coletivas: 95,7% dos acordos e convenções tiveram reajustes no mínimo iguais à inflação. Além disso, 88,7% das negociações conseguiram obter ganhos reais no maior patamar desde 1996. Deve-se destacar também que 61,1% das negociações resultaram em ganhos reais acima de 1% para os trabalhadores.

Já no primeiro semestre de 2011 houve uma redução das categorias que conseguiram repor a inflação ou obtiveram ganhos reais em relação ao primeiro semestre de 2010. No entanto, em função da desaceleração do ritmo de crescimento econômico e da elevação da inflação, pode-se concluir que o resultado das negociações nos seis primeiros meses deste ano foi positivo. Vale salientar que, no primeiro semestre, o percentual de negociações que conseguiram ganhos reais acima de 1% foi maior do que no mesmo período do ano passado, resultado este que certamente foi influenciado pela maior mobilização e poder de barganha dos trabalhadores, em função de fatores como a queda nas taxas de desemprego e escassez relativa de mão de obra. Por outro lado, o percentual de negociações coletivas com ganhos reais acima de 3% reduziu-se, resultado da elevação dos índices inflacionários.

Tabela 6 - Distribuição de reajustes salariais em comparação com INPC-IBGE, no Brasil - 1º sem. de 2008 a 2011

Variação	2008		2009		2010		2011	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Acima do INPC	273	77,3	264	74,8	306	86,7	298	84,4
Mais de 5% acima	1	0,3	6	1,7	20	5,7	9	2,5
De 4,01% a 5% acima	3	0,8	5	1,4	12	3,4	10	2,8
De 3,01% a 4% acima	10	2,8	10	2,8	22	6,2	24	6,8
De 2,01% a 3% acima	26	7,4	26	7,4	47	13,3	35	9,9
De 1,01% a 2% acima	99	28,0	62	17,6	82	23,2	113	32,0
De 0,01% a 1% acima	134	38,0	155	43,9	123	34,8	107	30,3
Igual ao INPC	38	10,8	60	17,0	34	9,6	31	8,8
De 0,01% a 1% abaixo	37	10,5	20	5,7	12	3,4	20	5,7
De 1,01% a 2% abaixo	2	0,6	1	0,3	0	0,0	1	0,3
De 2,01% a 3% abaixo	1	0,3	2	0,6	0	0,0	2	0,6
De 3,01% a 4% abaixo	0	0,0	0	0,0	1	0,3	1	0,3
De 4,01% a 5% abaixo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Mais de 5% abaixo	2	0,6	6	1,7	0	0,0	0	0,0
Abaixo do INPC	42	11,9	29	8,2	13	3,7	24	6,8
Total	353	100,0	353	100,0	353	100,0	353	100,0

Fonte: DIEESE / SAS-DIEESE

Deve-se destacar que, mesmo que o cenário das negociações coletivas não seja dos melhores para os trabalhadores, devido à desaceleração da atividade econômica e ao aumento da inflação, o segundo semestre deve ser positivo, pois categorias importantes de trabalhadores possuem data base no segundo semestre (Correios, químicos, petroleiros, bancários, eletricitários, metalúrgicos, entre outros). Estas são categorias muito bem organizadas e de grande poder de mobilização. Assim, suas negociações irão balizar os reajustes salariais dos demais trabalhadores brasileiros no segundo semestre.

5) Inflação e data-base

A estimativa de inflação para a data-base outubro de 2010 é de 7,07% (INPC), 6,74% (ICV) e 7% (IPCA). No período de outubro de 2009 a julho de 2010, o INPC, principal índice de inflação utilizado nas negociações coletivas, acumula 6,37%.

Tabela 7 – Evolução índices de inflação selecionados – out/10 a set/11

Período	INPC - IBGE		ICV -DIEESE		IPCA – IBGE	
	Mensal	Acumulado	Mensal	Acumulado	Mensal	Acum.
10/10	0,92	0,92	0,93	0,93	0,75	0,75
11/10	1,03	1,96	1,04	1,98	0,83	1,59
12/10	0,60	2,57	0,65	2,64	0,63	2,23
01/11	0,94	3,54	1,28	3,95	0,83	3,07
02/11	0,54	4,09	0,41	4,38	0,80	3,90
03/11	0,66	4,78	0,91	5,33	0,79	4,72
04/11	0,72	5,54	0,80	6,17	0,77	5,53
05/11	0,57	6,14	0,04	6,21	0,47	6,02
06/11	0,22	6,37	-0,34	5,85	0,15	6,18
07/11	0,00	6,37	0,44	6,31	0,16	6,35
08/11	0,30	6,69	0,20	6,53	0,34	6,71
09/11	0,35	7,06	0,20	6,74	0,40	7,14

Fonte: DIEESE, IBGE E BANCO CENTRAL

Elaboração: DIEESE / SENGE-PR

Obs: os dados para agosto e setembro de 2011 do INPC e IPCA são estimativas do Banco Central, já os dados de setembro e agosto de 2011 do ICV são estimativas do DIEESE.